

10

## Ainda sobre *q(u)alquer, quenquer, sequer*

José Luís Rodríguez  
Universidade de Santiago de Compostela

**Resumo** Neste contributo são estudadas as formas históricas presentes no título e a (i)legitimidade das hodiernas *q(u)alquera, quenquera, sequera*, entre outras variantes. A sua crescente predominância só se entende, sob o ponto de vista do autor, tendo em conta a interferência do espanhol, que explicaria a passagem da prática unanimidade medieval à quase exclusividade das formas inovadoras, mormente na oralidade. Passa-se revista aos diferentes postulados normativos a respeito delas, com fundamentos até antagónicos, se bem que diferentes para cada forma. Também se alude à sua presença em zonas fronteiriças portuguesas, fator sempre importante a considerar.

**Palavras-chave** galego; morfologia; padronização; dialectologia; interferência linguística.

**Sumário** 1. Introdução. 2. A singularidade formal e funcional de *q(u)alquera*. 3. O caso de *quenquer / quem quer*. Referências bibliográficas.

### Revisiting *q(u)alquer, quenquer, sequer*

**Abstract** The purpose of this article is to examine the historical forms *q(u)alquer, quenquer* and *sequer*, and the legitimacy or otherwise of their modern variants, *q(u)alquera, quenquera* and *sequera*. Interference from Spanish is identified as the main reason for the decline of the originally prevalent medieval forms and the growing predominance of the latter, particularly in oral speech. The article analyses the different and sometimes contradictory theories regarding their standardisation, and explores their presence in the border regions between Portugal and Galicia.

**Keywords** Galician; Morphology; standardisation; Dialectology; linguistic interference.

**Summary** 1. Introduction. 2. Functional and formal peculiarities of *q(u)alquera*. 3. The case of *quenquer / quem quer*. References.

## 1.

### Introdução

Em 1984 apresentamos uma comunicação no *1º Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, celebrado em Ourense, e organizado pela Associaçom Galega da Língua (AGAL), que iniciava o seu percurso com o objetivo de tratar, e difundir, a problemática do galego aos mais altos níveis científicos. A comunicação, que se publicou nas correspondentes *Actas* dois anos depois, levava por título “*Q(u)alquera, quenquera, sequera... galeguismos?*” (em adiante QQSG). Nela, em síntese, postulava-se que as citadas formas eram adaptações das correspondentes castelhanas *qualquiera, quienquiera, siquiera*, com a simples transformação do ditongo *ie* na vogal palatal média aberta [ɛ], do galego, equivalência que conforma uma marca evolutiva típica destes dois romanços ibéricos, o central e o ocidental.

Nesse já longínquo trabalho, cremos que ficava fora de toda dúvida razoável serem as formas medievais habituais nos textos galegos *qualquer, quenquer* (ou *quem quer*), *sequer*, e outras formas e fórmulas de menor frequência, todas sempre com um final em *-quer*, um presente do indicativo do verbo *querer*, não com *-queira*, ou *-quera*, presentes do subjuntivo, o último praticamente testemunhal entre nós<sup>1</sup>. Com uma frequência de uso, para *qualquier, quenquer e sequer*, também muito dispar, porém. Nos documentos consultados para esse trabalho, constatamos 428 exemplos de *qualquer* (ou o seu plural *quaesquer/quaisquer*), 72 de *quenquer* e 51 de *sequer*<sup>2</sup>. Quanto às formas hoje dominantes na oralidade, escrevímos: “*Q(u)alquera, quenquera, sequera não conseguimos documentá-las neste período [i.e., medieval], o que não exclui, em termos absolutos, uma hipotética, mas improvável existência*” (QQSG, 403).

Com efeito, obras posteriores, com base em materiais mais amplos, melhor editados, e com tecnologias e equipas mais eficazes que as de um quase pré-histórico investigador individual, confirmam, no entanto, o essencial dos dados apontados nessa pesquisa. Eis, por exemplo, a sua presença em três obras de grande utilidade para o investigador da nossa língua medieval:

- No *Dicionario de dicionarios do galego medieval* (DDGM), só surgem entradas para *qualquer, quenquer e sequer/siquer...*
- No “*Glosario*” do *Universo Cantigas* (GUC), dirigido pelo Prof. Manuel Ferreiro, as mesmas: *qualquer/qual...quer, quen-quer, sequer/siquer*, junto com algumas outras, tipo *que-quer*, da mesma fisionomia, mas hoje de todo arcaicas.
- No riquíssimo *Corpus Galego-Portugués Antigo* (CPGA), coordenado pelo Prof. Xavier Varela Barreiro, o instrumento mais completo e útil para o investigador, se bem que ainda em andamento, e limitando-nos só a textos da Galiza, encontramos 1.421 abonações de *qualquer*, entre os séc. XIII e XVI, assim repartidas: XIII (52 presenças), XIV (406), XV (944), XVI (19); 3 (em versos), 1.371 (na prosa notarial) e 47 (na prosa não notarial). A estas 1.421 há ainda que acrescentar 11 exemplos da variante *calquer*, todos na prosa notarial: um exemplo do séc. XIII, dois pertencentes ao séc. XIV e oito ao XV. Note-se o elevado número de presenças no séc. XV e, sobretudo, na prosa notarial...

<sup>1</sup> No CGPA, só figuram 29 abonações de *quera* (7 em poesia; 19 na prosa notarial e 3 na não notarial. O percurso cronológico (8 do séc. XIII, 4 do XIV, 13 do XV e 4 do XVI) talvez signifique que a sua crescente presença nos textos não é alheia à castelhanização geral da língua, embora os dados sejam pouco concludentes. Em todo caso, nada comparável com o número de abonações de *queira*, 123, das quais 14 em verso, 95 na prosa notarial e 14 na não notarial. O percurso cronológico é: 26 (no séc. XIII), 53 (no XIV) e 44 (no XV). Um pormenor final, não isento de significado: a forma *quera* não a documenta o CGPA na subárea lusitana...).

De todas as maneiras, que se documente *quera*, embora muito minoritariamente, não acarreta que a escolha para conformar o indefinido seja um subjuntivo, *queira/quera*, e não um indicativo, *quer*. Se a combinação com o conjuntivo fosse genuína na nossa língua, a forma logicamente esperada seria *q(u)alqueira*, quase um *happax* na documentação medieval, provável tradução de *cualquiera*.

<sup>2</sup> QQSG, 403, nota de rodapé nº 58.

Para *qualquera*, fornece tão só 27 abonações, todas da prosa notarial, datadas entre 1404 e 1526. Delas, porém, só 3 anteriores a 1450, 17 entre 1480-1500 e 4 do séc. XVI. E o que ainda é mais significativo, metade dos exemplos, em textos profundamente castelhanizados ou até híbridos. Também se documenta um único exemplo de *calquera*, corunhês, de 1399, o mais antigo de todos em *-quera*, também não isento de todo de hibridação. Para finalizar, recolhe um exemplo só de *qualqueira* (sob a sua variante ortográfica *qualqueirra*), de 1486, na zona de Celanova, documentada igualmente por nós (QQSG, 398).

Para *quenquer* não surgem exemplos do CGPA, por se grafarem separados os seus elementos em muitos textos, como ainda hoje no além-Minho, onde continua a ser uma locução sob o ponto de vista gráfico mas também fonético. Sim se recolhe um exemplo de *quanquer*, forma dissimilada de *quenquer* ou simples lapso gráfico, também nosso conhecido, de 1458 na zona de Ourense (QQSG, 398). Os nossos 72 exemplos de *quenquer* cobrem toda a Idade Média, com algumas presenças com que topamos de *quem quiser*, nos parâmetros de uso normal do futuro do subjuntivo, e um único exemplo, aliás bastante recuado (de 1331), de *quem queira*, da zona de Ribadávia (QQSG, 398-399). Caso não haver erro de leitura<sup>3</sup>, constituiria um exemplo da incipiente invasão do espaço do futuro pelo presente do subjuntivo, triunfante no espanhol, que o alargou ao galego, mas não ao sul do Minho. O procedimento não o vemos documentado com *qualquer* (que acabou por soldar os dois elementos da originária composição, o que não aconteceu com *quem quer*), e seria inválido para *sequer* (o presente do subjuntivo não existe na prótase das condicionais com *se*: \**se queira* é agramatical).

Nesse referido trabalho, prestamos pouca atenção à época pós-medieval, embora suficiente para, reconhecendo no entanto a difusão crescente das formas em *-quera*, “*qualquer* e *sequer* não deixam de ter uma moderada mas continuada presença na língua escrita” (QQSG, 404). Assim até época recente.

Essa presença, que tem a ver com a consciência ou não da sua galegidez, também a reconhecem X. R. Freixeiro Mato, X. M. Sánchez Rei e G. Sanmartín Rei, na sua utilíssima *A lingua literaria galega no século XIX* (LLG), onde falam da “forma tradicional *calquer*”, sobre cuja galegidez ou galecidade se remete para o nosso trabalho, e que alterna nos textos decimonónicos com *calquera*, inclusive num mesmo contexto: “e vanse esparexendo pol-o monte arriba, n-os craros dos toxales, dos piñeiros, en **calquera** parte, de **calquer** modo (PB 94)” (LLG, 402), correspondendo as siglas PB à obra *Pé das Burgas*, de Francisco Álvarez de Novoa (A Coruña, 1896).

Também citam uma forma “españolizada” de plural, infrequente, mesmo referida a um substantivo singular: “Será calesquera cousa (AL)”, em *Cousas da Aldea. Versos galegos*, de Aureliano Pereira (A Coruña, 1891). Supomos referir-se à terminação *-ales* do primeiro elemento do composto, de que, nos exemplos que recolhemos na época medieval, só localizamos três abonações na prosa documental, dos anos 1457, 1458 e 1516 (QQSG, 398), indícios claros de castelhanização dada a cronologia. Também o é pelo segundo elemento, *-quera*, pois o esperável é *-quer* (e, em todo o caso, *-queira*).

Em 2021, Xosé Manuel Sánchez Rei, em *O portugués esquecido* (PE), achega de claro relevo para a nossa bibliografia, pesquisando formas regionais ou locais do além-Minho, idênticas ou similares às galegas, recolhe testemunhos sobre a existência de *qualquera* “en falares de Trás-os-Montes e da Beira hai unhas cantas décadadas, sobre todo empregada no xénero feminino”, aspeto já notado por Leite de Vasconcelos há perto de cem anos (“*qualquer* tem como feminino *qualquera*: ‘uma palabra *qualquera*’”). “De todos os modos –conclui Sánchez Rei–, *qualquera* rexístrase áinda na nosa época en textos literarios tradicionais provenientes da zona

<sup>3</sup> Não infrequentes em VFD, de X. Ferro Couselo, de onde é tirado o exemplo (VFD, II, 81, linha 3). Talvez seja essa a explicação de um único caso de *cualquier*, também de cedo, em 1314 (VFD, II, 70, linha 20).

de Bragança, embora nin sempre como feminino de *qualquer*" (PE, 345), exemplificando com três amostras do seu uso tiradas do *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*, coligido por Manuel da Costa Fontes, v.gr.: "É como a folha do tchoupo, **qualquera** vento la leva; / é como a folha de vidro, **qualquera** pedra a quebra" (RPT, I, 196).

Com efeito, mesmo mais ao sul, a Prof. Azevedo Maia há anos assinalara a presença de formas similares nos falares fronteiriços "do concelho de Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla" (FFCS, 226): "Qualquer toma sistematicamente a forma *qualquera* em toda a faixa fronteiriça (cf. esp. *cualquiera*), por vezes coexistindo com *calquer* como ocorre em Aldeia da Ponte. Em Aldeia do Bispo, registei a forma do plural *quaisquera*".

À vista destes testemunhos, conhecidos vagamente mas pouco considerados por nós, poderia supor-se ser *qualquera* uma criação popular recente sobre *qualquer*, como uma espécie de pseudo-feminino de base analógica, que se espalharia a todos os contextos. Pouca causa para tanto efeito, achamos, efeito bem difícil de conceber se pretendemos abstrair-nos de toda influência castelhana no processo substitutivo.

Por isso, a suspeita de ser um castelhanismo, mesmo nestes pontos do norte português em que se documenta/documentou, continua a parecer-nos com muito a hipótese mais verosímil, e assenta, entre outros, nos seguintes indícios: a) a presença de castelhanismos de âmbito regional, singularmente em Trás-os-Montes e pontos da Beira, não é algo insólito<sup>4</sup>; b) menos ainda no distrito de Bragança, com uma zona de fala mirandesa<sup>5</sup>, pertencente ao domínio linguístico asturo-leonês; c) os romances, de que são tirados os exemplos oferecidos, género de raiz histórica castelhana, que oferecem frequentes exemplos de hibridação linguística; d) a falta de quaisquer referências na citada obra de \**quenquera*, a par de *quenquer* (ou *quem quer*), como seria de esperar; nem de *sequera...*; e) a sua presença, de *q(u)alquera*, em espaços em que o castelhano anda por meio, e a sua ausência longe dele<sup>6</sup>. A variante do geral *sequer* que aparece nestes contextos em chave fronteiriça é a forma *xiquer*, com dissimilação vocálica e palatalização consonântica mas tipologicamente idêntica à anterior (PE, 353). Na Galiza, *sequera* e até, na fala espontânea, *siquiera*. Isto apesar de a forma espanhola *siquiera* ser tardia (primeiros exemplos no séc. XVII), e substituta do ant. *squier*, por causa da "analogía de los duplicados *cualquier-cualquiera, doquier-doquiera, comoquier-comoquiera*, etc.", segundo Corominas (DCELC, 947, s.v. *querer*).

4 "Conforme algúns traballos más recentes (cfr. Buescu, 2000; Freixeiro Mato, 2010), sábese que tamén circulaban polas principais cidades portuguesas romances en español, textos de literatura de cordel neste idioma, refráns e proverbios casteláns etc., o que pudo coadxuar poderosamente na irrupción de léxico foráneo, e non só no portugués padrón, mais tamén nos falares populares e dialectais" (PE, 317). O autor expõe inúmeros exemplos dessa influência, sobretudo de tipo léxico, mas também do âmbito morfossintático, tipo *fago, faga; vaiā*, etc. (PE, 318, 323, 539 e ss.).

5 Desconhecemos estudos sobre possíveis influências do mirandês no português, ou do resto do domínio leonês, ou do castelhano occidental de substrato leonês. Não seria impossível que até formas como *menino, -a, ou pequenino, -a*, não sejam alheias de todo a essa influência, perante as concorrentes antigas e ainda atuais, se bem que circunscritas à Galiza ou ao Norte português, *meninho, -a, pequeninho, -a*. Veja-se para a segunda das formas, PE (436-437).

Em todo caso, *qualquiera* ou *qualquera*, junto com *qualquier*, já foram assinaladas como as formas do mirandês no distante 1900, por Leite de Vasconcellos (EphM, I, 361).

6 Não batemos com a sua existência no Brasil, mas também não a procuramos explicitamente. Nem na África lusófona.

## 2.

### A singularidade formal e funcional de *q(u)alquera*

Em favor da genuindade desta forma no espaço galaico tem-se invocado a sua invariabilidade, quanto ao género e ao número, que lhe conferiria personalidade marcada com respeito às formas do seu contexto linguístico e, consequentemente, acreditada galecidez. É a perspectiva dominante, explícita ou subjacente, nas gramáticas e dicionários galegos, nunca absoluta porém, em prol de *q(u)alquera*. Remetemos ao citado trabalho para mais desenvolvida informação (QQS, 407 e ss.) a este respeito. Centrando-nos já no período da linguística e filología galegas que podemos considerar ‘científico’, com os precedentes que se quiser, inaugurado com a *Gramática elemental del gallego común*, de Ricardo Carballo (depois Carvalho) Calero, de 1966, é de sublinhar que nesta obra se postulam, como pronomes indefinidos *quenquer* (GEGC1, 129) mas *calquera*, enquanto *calquer* surge como forma única como adjetivo indefinido (“*calquer* es normalmente adjetivo e invariable: *calquer home, calquer muller*”, GEGC1, 132, invariabilidade genérica, nada se dizendo da numérica). Quanto ao pronome, *calquera*, acrescenta-se em nota de rodapé (GEGC1, nota 43):

Algunos admiten un plural *calesquera* ‘cualesquiera’, y lo usan en función adjetiva. Otros usan *calqueira, calesceira*, que para Lugrís son formas “bárbaras”. Pero el subjuntivo *queira* ‘quiera’ existe de hecho, por lo que admitimos, al menos, *calqueira* como pronome sustantivo invariable”

Com efeito, o subjuntivo *queira* não só existe, mas é em todo tempo e espaço a forma, com muito, mais geral, e, de facto, a proposta por Carvalho como padrão do verbo *querer*. De maneira que, se na primitiva locução, o segundo elemento fosse um subjuntivo, o que não foi a escolha da língua hispano-occidental, o esperado seria *calqueira*.

No entanto, na 2ª ed. da sua GEGC, dois anos depois, substitui *calquera* por *calquer*, também no uso como pronome, talvez por harmonizar, coerentemente, com *quenquer* (GEGC2, 142), se bem que o texto da nota de rodapé (GEGC2, 142, nota 48) continue a ser o mesmo, e a referir-se a *calquera*, não a *calquer*. O texto a propósito desta forma continuará invariável em todas as edições da GEGC, salvo na 7ª em que o elimina, por supérfluo, da lista de adjetivos (GEGC7, 205), assim como o comentário que lhe dizia respeito.

Como se sabe, muitas das propostas de Carvalho, inspirador e principal elaborador da norma académica de 1970, foram questionadas, mesmo contestadas, pelo Instituto da Língua Galega (fundado em 1971), que concede, ou concedia, quase toda a primazia à fala atual, e pouca à tradição literária e histórica, ou ao vínculo galego-português. Vejam-se, por exemplo, os seus métodos de *Gallego/Galego*. No *Gallego 1*, no Vocabulário final “castellano-gallego”, “cualquiera : *calquera*” (G1, 231). Esta equivalência, à inversa (**calquera** <<cualquiera>>), agora reforçada com **quenquera** <<quienquiera>> (G2, 142), enriquece-se com a informação, agora do *Gallego 2*, de que é invariável “e non se apocopa diante de sustantivo” (G2, 143). Esta doutrina da pretensa apócope reflecte o pensamento da gramática espanhola, ainda atual<sup>7</sup>. Mas no *Gallego 3* é que se consuma o dislate, pois aí afirma-se (G3, 118) que *calquer* em lugar de *calquera* é um castelhanismo “moi repetido”!

O mesmo pensamento básico enforma o sucinto pronunciamento das *Bases*, de 1977, somando-se agora ao qualificativo de “castelanismo” o de possível “lusismo”:

Cando funciona como adjetivo *calquera* mantén o -a final, segundo a práctica de toda Galicia. Usar *calquer* no sitio de *calquera* é un castelanismo claro aga en terras veciñas da raia de Portugal onde tamén pode ser lusismo (*Bases*, 35).

<sup>7</sup> Vid. o *Diccionario panhispánico de dudas* (DPD, s.v. *cualquiera*): “antepuesto adopta la forma apocopada *cualquier*”.

Já nas *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*, as NOMIGA, de 1982, desaparece toda referência a *q(u)alquer*, como se nunca tivesse existido, e no seu lugar entroniza-se *calquera*: “*Calquera* é a forma de case todo o territorio galego, coa variante *calqueira* rexistrada nalgún punto illado e motivada polo presente de subxuntivo moderno do verbo *querer*” (NOMIGA, 64). Oculta-se a existência de *q(u)alquer* por muito reduzida que seja<sup>8</sup>, a menos que o adivinhamos nessa excludente formulação, ao mesmo tempo que, sublinhamos, *queira* não é o subjuntivo moderno, mas o tradicional de *querer*<sup>9</sup>, nunca posto em causa. O texto repete-se *ad pedem litterae* na 18<sup>a</sup> edição de 2003, o que constitui a regra geral: desconsiderar os posicionamentos críticos com os seus postulados, embora por vezes se pratique uma tímida abertura...

Infelizmente é aquela a dinâmica habitual nos nossos estudos. A literatura oficialista não contradiz, de regra, qualquer formulação reintegracionista. Limitam-se a ignorá-la, o que implica uma concepção absolutista ou teológica da ciência, que só, no e com o livre contraste, pode progredir.

Noutras obras, dentro, mas na linha fronteiriça das NOMIGA, há mais abertura. Assim na conceituada *Gramática da lingua galega*, de Xosé Ramón Freixeiro Mato (GLG, 249, 250), dentro dos pronomes identificadores, só figura *calquer* (não *calquera*, nem *calqueira*), e o seu plural *caisquer*, se bem que se exemplifique com a função adjetiva do mesmo, não com a substantiva. No entanto, em *A lingua literaria galega no século XIX* do mesmo autor, junto com Xosé Manuel Sánchez Rei e Goretti Sanmartín Rei, recua-se e volta-se a postular *calquera* nos paradigmas dos “pronomes identificadores” (LLL, 401), se bem que ao falar da “forma tradicional *calquer*” (p. 402) se informe que “alterna nos textos decimonónicos con *calquera*, podendo inclusive aparecer ambas nun mesmo contexto”, v. gr.: “e vanse esparexendo pol-o monte arriba, n-os craros dos toxales, dos piñeiros, en **calquera** parte, de **calquer** modo”, da obra *Pé das Burgas* (1896) de Francisco Álvarez de Novoa, nada se dizendo sobre a vernaculidade ou autoctonia de *calquera*<sup>10</sup>, da qual no entanto Sánchez Rei, no seu recente *O portugués esquecido*, aponta “dúbidas razoábeis”, quanto à sua autoctonia (PE, 345). Não é muito mas é algo!

Excluímos desta breve resenha os textos, de praxe reintegracionista, que optaram decididamente pela restauração das formas tradicionais, como a *Nova Gramática* (NG, 121, 126), ou o *Manual galego de língua e estilo* (MGLE, 152), onde se acrescenta que ao contrário “do que acontece com o *cualquiera* espanhol, *qualquer* nom pode aparecer só”, o que sim sucede com *quem quer /quenquer*. Segundo isto, seria agramatical a frase “Isso sabe-o *qualquer*”, perante a correcta “Isso sabe-o *qualquer* pessoa / Isso sabe-o *qualquer* uma”, etc. No entanto, por mais usual que seja, há exemplos do contrário, ao mesmo tempo que algum autor condena como galicismo o emprego de *qualquer um*, como V. Bergo (EDL, s.v.):

Galicismo. Em português se diz *qualquer* ou *um qualquer*, como nestes exemplos: “Ora, a esperança que se vê não é esperança, porque o que *qualquer* vê, como o espera?” (A. P. Figueiredo, *Ep. aos Romanos*, 8: 24). “*Qualquer* a quem perguntasses te diria: - É aquele!” (A. Herculano, *Monge*, I, 302). “Olhe que eu, ainda que me veja assim, já também tive dezasseis anos como *qualquer*” (Castilho, *Mil e um mistérios*, 135). “Fiz-me de pontual ao juramento, e êste é que foi o meu pecado; esquecer, *qualquer* esquece” (M. de Assis, *Dom Casmurro*, 352). “Qualquer recusaria intervir num assunto dêstes” (Idem, *H. Românticas*, 195).

8 No ALGA (1995: mapa 263), sob o lema [kal'kera] acha-se [kal'ker] / [kwal'ker], de certa frequência na arcaizante zona oriental, mas, muito curiosamente, um pouco por todas as partes, por todas as províncias, panorâmica acorde, a nosso ver, com um processo substitutivo que obviamente vem de longe.

9 Quer sugerir-se, por acaso, com essa afirmação que a forma antiga era *quera*, e sobre ela se teria formado *calquera*? Como temos visto até à saciedade, os dados de que dispomos não apoiam para nada esta hipotética suposição.

10 Informa-se também do uso infrequente do plural, “baixo a forma españolizada *calesquer*” (*ibid.*), referida, imaginamos, à sequência *-ales*, não à forma *calquera* em si. Creio que na redação utilizam “*calquera*”, provável concessão ao acordo ortográfico consagrado pela RAG em 2003.

O autor da longa citação é brasileiro; os escritores com que se exemplifica, portugueses e brasileiros... da segunda metade do séc. XIX.

Idêntica apreciação no seu compatriota M. A. Gonçalves (DBLP, s.v. *qualquer um*): "Francesismo vulgarizadíssimo, mas de todo inútil. Em bom português diz-se "qualquer" ou "um qualquer" (...) "- Olha, trabalhar *qualquer* trabalha, mas chegar a êste sacrifício..." – "Estou disposto a confiar esta incumbência a *um qualquer*". Note-se no entanto a indicação de "vulgarizadíssimo"...

É verdade, porém, que *qualquer* exerce a função adjetiva ou a substantiva ("qualquer morte; qualquer deles, quaequer deles, qualquer das ditas partes; qualquer que os ouvisse; outras cousas quaequer", etc.), neste caso rara vez isolado. Não encontramos exemplos similares aos do espanhol nos textos medievais consultados, só um exemplo no séc. XVIII de D. A. Cernadas e Castro: "calquer na súa hora / sua punta de allo ten" (QQSG, 403).

A diferente frequência de usos, e não o uso em si, é que o parece ser deveras distintiva a respeito do castelhano. Também não é a invariabilidade da forma, que tem os seus paralelos, por não dizer a sua mais que provável origem, nesta última língua: o espanhol.

Com efeito, em espanhol existe o par *cualquier* – *cualquiera*, equivalentes num início, depois o primeiro para a função adjetiva (na anteposição) e o segundo para a posposição ou a função substantiva (v.gr., 'cualquier mujer/hombre', 'una mujer/hombre cualquiera'; 'cualquiera lo sabe'), uma repartição funcional sem significado genérico (vid. DPD, s.v.).

No referido DPD, da RAE, lê-se: "Ocasionalmente puede aparecer la forma *cualquiera* ante sustantivos femeninos, algo frecuente en el español de Chile: <<Cualquiera palabra que dijera en clase [...]>>" (s.v. *cualquiera*). Uso que deve ser já muito antigo nesta língua, e não só perante substantivos femininos, como se comprova, v.gr., lendo as conhecidas coplas de Jorge Manrique (c. 1440-1479), escritas à morte de seu pai (Rodrigo Manrique, que falece em 1476): "cómo, a nuestro parecer, // **cualquiera** tiempo pasado // fue mejor" (vs. 10-12).

Como se vê, não existe nestas formas nem na sua construção, nada de 'marca' original galega, como não seja a da dependência e subalternidade linguística.

### 3.

#### **O caso de *quenquer* / *quem quer***

A equivalência portuguesa atual do espanhol *quienquiera* é: "1 Qualquier [pessoa indeterminada]; Aquí puede entrar *quienquiera*: Aquí qualquier um pode entrar. 2 Quem quer que [pessoa indeterminada]; *Quienquiera que fuese no ha dejado recado*: Quem quer que fosse nao deixou recado" (DEP, s. v.)

Duas anotações tão só: a proximidade semântica com *qualquer* faz com que já na Idade Média *quenquer* / *quem quer* seja muito menos utilizado que o concorrente. E por outra parte, a composição dos dois elementos, *quem* e *quer*, com diferença à de *qual* e *quer*, não chegou a fusionar-se, foneticamente, o que a grafia reflete. A forma hoje habitual na Galiza, *quenqueira*, é mais uma tradução ou decalque do esp. *quienquiera*, que se documenta também nas zonas em contacto com esta língua, até sob a fórmula totalmente castelhana: "*quiem quiera* 'quem quer' (Forc.)" (FFCS, 227).

Na penetração do espanhol, não só se produzem formas como as citadas, submetidas a uma aparência de galecidade (*qualquera, quenquera, sequera; como queira que seja/fosse*, etc.), mas até o cru castelhanismo (v.gr. *siquiera*). Também, sem sairmos dos tradicionais indefinidos, ocorrem formas e formações como *nadie/naide* (vulg.), *umhos, algumhos*; nos identificadores, *propio, mismo*, que não pagam qualquer portagem e se infiltram a plena luz.

## Referências bibliográficas

ALGa = Instituto da Língua Galega (1995). *Atlas Lingüístico Galego. Vol. II Morfoloxía non verbal*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.

Bases = (1980) [1977]. *Bases prá unificación das normas lingüísticas do galego*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

CGPA = Varela Barreiro, Xavier (coord.) (2015-). *Corpus Galego-Portugués Antigo*. Santiago de Compostela / Lisboa / Campinas: Instituto da Lingua Galega / Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa / Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <http://ilg.usc.gal/cgpa/zonaprivada/consultas/consulta.php> (Consultado 19.12.2023).

DBLP = Gonçalves, Maximiano A. (1965). *Dificuldades básicas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A.

DCELC = Corominas, Joan (1974). *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana. Vol. III*. Madrid: Gredos.

DDGM = González Seoane, Ernesto (coord.) (2006-). *Dicionario de dicionarios do galego medieval*. Disponível em <https://ilg.usc.gal/ddgm/> (Consultado em 19.12.2023).

DEP = Iriarte Sanromán, Álvaro et al. (coord.) (s.d.). *Diccionario de Espanhol – Português*. Porto: Porto Editora.

DPD = Real Academia Española (2005). *Diccionario Panhispánico de Dudas*. Disponível em <https://www.rae.es/dpd/> (Consultado em 19.12.2023).

EDL = Bergo, Vittorio (1959) [1941]. *Erros e Dúvidas de Linguagem*. Juiz de Fora: Editôra Lar Católico.

EPHM = Vasconcellos, José Leite de (1900). *Estudos de Philologia Mirandesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.

G1 = Instituto de la Lengua Gallega (1971). *Gallego 1*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

G2 = Instituto de la Lengua Gallega (1972). *Gallego 2*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

G3 = Instituto de la Lengua Gallega (1974). *Gallego 3*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

GEGC = Carballo Calero, Ricardo (1966). *Gramática elemental del gallego común*. Vigo: Galaxia.

GEGC2 = Carballo Calero, Ricardo (1968) [1966]. *Gramática elemental del gallego común*. Vigo: Galaxia.

GEGC7 = Carballo Calero, Ricardo (1979) [1966]. *Gramática elemental del gallego común*. Vigo: Galaxia.

GLG = Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2000). *Gramática da lingua galega. Vol. II. Morfosintaxe*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.

GUC = Ferreiro, Manuel (dir.) (2018-). "Glosario", em *Universo Cantigas. Edición crítica da poesía medieval galego-portuguesa*. Corunha: Universidade da Corunha. Disponível em <http://universocantigas.gal>. (Consultado em 20.12.2023).

LLG = Freixeiro Mato, Xosé Ramón, & Sánchez Rei, Xosé Manuel, & Sanmartín Rei, Goretti (2005). *A Lingua Literaria Galega no Século XIX*. A Coruña: Universidade da Coruña

FFCS = Maia, Clarinda de Azevedo (1977). *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha regiao de Xalma e Alamedilla*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade. Suplemento IV da *Revista Portuguesa de Filologia*.

MGLE = Castro Lopes, Maurício, & Peres Bieites, Beatriz, & Sanches Maragoto, Eduardo (2007). *Manual galego de língua e estilo*. Galiza: Várias editoras.

NG = Costa Casas, Xoán Xosé, & González Refoxo, María dos Anxos, & Morán Fraga César Carlos, & Rábade Castiñeira, Xoán Carlos (1988). *Nova gramática para a aprendizaxe da língua*. A Coruña: Vía Láctea.

NOMIGA = Real Academia Galega & Instituto da Lingua Galega (2003) [1982]. *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*. A Coruña: Real Academia Galega.

RPT = Fontes, Manuel da Costa (ed.) (1987). *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

PE = Sánchez Rei, Xosé Manuel (2021). *O portugués esquecido. O galego e os dialectos portugueses setentrionais*. Santiago de Compostela: Ediciones Laioven.

QQSG = Rodríguez, José Luís (1986). "Q(u)alquera, quenquera, sequera... galeguismos?". Em *Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza - 1984*, 367-410. Ourense: Associaçom Galega da Língua (AGAL).

VFD = Ferro Couselo, Xesús (1967). *A vida e a fala dos devanceiros*. Vigo: Galaxia.



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

## Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,  
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística  
e Literaria Galega)

## Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)  
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

## Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidad de Santiago de Compostela (España)

## Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)  
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)  
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)  
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)  
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)  
Xavier Varela Barreiro, Universidad de Santiago de Compostela (España)  
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

## Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)  
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)  
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)  
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)  
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)  
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)  
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)  
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)  
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)  
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)  
Maria Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes  
e Alto Douro (Portugal)

## Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)  
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)  
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)  
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)  
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)  
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)  
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)  
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)  
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)  
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)  
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)  
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)  
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)  
Maria Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)  
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)  
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)  
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)  
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)  
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)  
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)  
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)  
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)  
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)  
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)  
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

## Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)  
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)  
Rafael Lluís Ninoyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciencia,  
Generalitat Valenciana (España)

